

As viagens e a ressignificação do sujeito contemporâneo

Travels and the Resignification of the Contemporary Subject

Viajes y la Resignificación del Sujeto Contemporáneo

Mariana Madureira¹
Marta Irving²
Frederico Tavares³
Mônica Machado⁴

Este artigo foi recebido em 24 de NOVEMBRO de 2024 e aprovado em 21 de OUTUBRO de 2025

Resumo: As rápidas transformações no modo de vida contemporâneo proporcionadas pelos avanços tecnológicos têm afetado, significativamente, a construção de novas subjetividades. Com o intuito de refletir sobre esse processo, este ensaio aborda o turismo como um fenômeno complexo e contraditório da contemporaneidade e como uma possível via para a reconstrução do sujeito social por meio do ato de viajar. Para tanto, o presente ensaio teórico busca resgatar, brevemente, as origens das viagens e do turismo para subsequentemente desvendar o seu papel na ressignificação do sujeito contemporâneo. Identificados os sentidos que alienam o indivíduo da própria existência e o tornam impotente diante da demanda de significar a própria vida, a viagem é decodificada no presente ensaio como uma via para a reconexão com a natureza, com o outro e consigo mesmo, em uma perspectiva de subjetivização como linha de fuga da normatividade.

Palavras-chave: Viagem. Subjetividade. Ressignificação. Contemporaneidade.

Abstract: The rapid transformations in contemporary lifestyle provided by technological advances have significantly affected the construction of new subjectivities. With the aim of reflecting on this process, this essay addresses tourism as a complex and contradictory phenomenon of contemporaneity and as a possible means for the reconstruction of the social subject through the act of traveling. Therefore, this theoretical essay seeks to briefly retrieve the origins of travel and tourism to subsequently unveil their role in the resignification of the contemporary subject. Having identified the senses that alienate the individual from their own existence and render them powerless in facing the demand to give meaning to life, travel is decoded in this essay as a pathway for the reconnection with nature, with others, and with oneself, from a perspective of subjectivation as an escape from normativity.

Keywords: Travel. Subjectivity. Resignification. Contemporaneity.

Resumen: Las rápidas transformaciones en el modo de vida contemporáneo proporcionadas por los avances tecnológicos han afectado significativamente la construcción de nuevas subjetividades. Con el objetivo de reflexionar sobre este proceso, este ensayo aborda el turismo como un fenómeno complejo y contradictorio de la contemporaneidad y como una posible vía para la reconstrucción del sujeto social a través del acto de viajar. Por lo tanto, este ensayo teórico busca rescatar brevemente los orígenes de los viajes y el turismo para luego desvelar su papel en la ressignificación del sujeto contemporáneo. Una vez identificados los sentidos que alienan al individuo de su propia existencia y lo vuelven impotente ante la demanda de darle significado a la vida, el viaje es decodificado en este ensayo como una vía para la reconexión con la naturaleza, con los demás y consigo mismo, desde una perspectiva de subjetivación como línea de fuga de la normatividad.

Palabras Clave: Viaje. Subjetividad. Resignificación. Contemporaneidad.

¹**Formação/curso:** Turismóloga, Doutora em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social. **Instituição:** Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). **E-mail:** marianamadureira@yahoo.com.br

²**Formação/curso:** Psicóloga, Doutora em Ciências **Instituição:** Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) **E-mail:** mirving@mandic.com.br

³**Formação/curso:** Comunicador Social, Doutor em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social **Instituição:** Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) **E-mail:** fredtavares@fredtavares.com.br

⁴**Formação/curso:** Comunicadora Social, Doutora em Comunicação e Cultura. **Instituição:** Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) **E-mail:** monica.machado@eco.ufrj.br

1 Introdução

As viagens permeiam o imaginário das sociedades humanas desde os povos da antiguidade, ainda quando o significado do mundo parecia uma incógnita, esse apenas decodificado pelas notas e memórias daqueles corajosos viajantes a terras exóticas. Dos exploradores que conquistaram novos territórios aos naturalistas que construíram as bases para o surgimento de diversos campos da ciência moderna, os viajantes sempre deixaram marcas profundas na sociedade.

Nesse sentido, Jean-Didier Urbain (2003) aponta essa perspectiva das viagens como fonte de descoberta e conquista que vem se afirmado ao longo dos anos, tendo se materializado em obras de referência da literatura como *Robson Crusoe* e *A volta ao mundo em 80 dias* (FIGUEIREDO; RUSCHMANN, 2004), entre outros clássicos. E até a atualidade, as viagens continuam a permear imaginários e se constituem como sonhos de consumo ou objetos de desejo, como reiteradamente veiculado nas matérias dos principais meios de comunicação de massa e nas redes sociotécnicas.

Assim, as viagens vêm sendo decodificadas – sobretudo no último século – como “produtos de consumo” de uma indústria cultural. Essa banalização de seu significado pela lógica capitalista tende a gerar questionamentos contraditórios: seriam elas (as viagens) vias de exploração do mundo por parte do sujeito no contexto da contemporaneidade? Ou seriam apenas instrumentos da engrenagem capitalista, através dos quais o indivíduo é explorado e ludibriado pelo mercado?

Para que se possa refletir sobre essas questões, é importante que se mencione que a abordagem recorrente das viagens como bens de consumo, em uma perspectiva mercadológica, tangencia o turismo contemporâneo também por sua importância econômica. Segundo a WTTC (2019), em 2018, por exemplo, anteriormente à *pandemia da covid-19*, o turismo havia crescido globalmente em 3,9% ao ano, gerando 8,8 trilhões de dólares em receita, o que correspondeu a 10,4% do PIB mundial e 25% dos empregos formais criados em todo o mundo nos 5 anos anteriores (WTTC, 2019). Até o início de 2020, marco temporal de início da *pandemia da covid-19* e de todas as restrições sanitárias dela decorrentes, o turismo vinha sendo considerado como um setor econômico em forte expansão globalmente. No ano de 2023, segundo dados da ONU, o turismo global se recuperou 90% em comparação aos índices pré-pandêmicos, indicando que a atividade deve voltar a bater recordes.

Embora as estatísticas globais expresssem, em tese, o alcance econômico do turismo e seu potencial de expansão, elas não são capazes de traduzir as inúmeras nuances associadas a esse fenômeno global multifacetado. A investigação do turismo como fenômeno representa uma importante lacuna em pesquisas sobre o tema. Por essa razão, o presente ensaio busca resgatar, brevemente, as

origens das viagens e, portanto, do turismo na atualidade, para desvendar, subsequentemente, as suas ressignificações contemporâneas.

Entende-se, nesse contexto, que a prática das viagens que sustenta a configuração do turismo contemporâneo ocorre, de maneira recorrente, como uma ação protocolar (realizada periodicamente e rotineiramente), uma obrigação social (realizada sob pressão de outros) ou uma via de consumo (com o objetivo de se buscar pertencer simbolicamente a determinado grupo social). Segundo essa perspectiva de análise, há uma tendência em alienar o indivíduo dos sentidos originalmente associados a esse movimento, quais sejam, expressão de liberdade, descoberta e aventura.

Não por acaso, na denominada era da informação e da abundância, caracterizada pela grande disponibilidade de alimentos e dados de toda ordem (HARARI, 2016), são comuns, na sociedade contemporânea, os traços de intolerância (desconexão com o outro), insensibilidade com o real significado de natureza (desconexão do ser humano com a natureza) e, para muitos, um sentido de vazio existencial (desconexão consigo mesmo). Em outras palavras, um vazio que inspira a necessidade de busca de significado para a própria vida; de tornar-se sujeito na própria trajetória.

Com base nos argumentos anteriormente sintetizados e sob uma perspectiva ancorada em Foucault (2018) e Deleuze (1992), entende-se a subjetivação como uma possível linha de fuga de dispositivos normativos de poder⁵. Em outras palavras, um escape do sujeito contemporâneo a tudo aquilo que oprime a sua humanidade, que dita (externamente) o modo de vida a ser adotado. Nessa perspectiva, o objetivo desse ensaio é contribuir para a reflexão sobre como as viagens afetam esse importante mecanismo humano que é a capacidade de ser e de tornar-se, pela subjetivação, na contemporaneidade.

2 As origens do problema

Entender a origem das viagens e seus inúmeros significados constitui o ponto de partida para a reflexão subsequente, sobre como elas vêm sendo apropriadas e decodificadas em narrativas, na contemporaneidade.

Nesse sentido, é fundamental que se resgate a perspectiva histórica associada ao surgimento das viagens como resultado dos deslocamentos humanos atrelados às necessidades de sobrevivência, quando o nomadismo representava uma estratégia para assegurar as condições de vida de alguns grupos sociais. Com o passar do tempo e com o desenvolvimento das sociedades humanas, contudo, os

⁵ Deleuze (1990) explica ‘dispositivos de poder’, uma ideia apresentada por Foucault, como um mecanismo invisível constituído pelo dito e o censurado, o visível e o invisibilizado, as linhas de força e as linhas de fuga. Essas últimas são exatamente aquilo que escapa aos mecanismos que tentam censurar tudo que é não-normativo. Deleuze entende que a subjetividade é uma linha de fuga.

deslocamentos ou as viagens de maior alcance passaram a servir a diferentes propósitos, entre os quais os de cunho civilizatório e religioso, como ocorreu com as Cruzadas na Idade Média (MAGALHÃES, 2002).

Entretanto, os primeiros registros de viagens com o propósito de lazer, segundo Magalhães (2002), datam do período antes de Cristo, e aconteciam por motivações educacionais e esportivas⁶. Segundo a mesma autora (*op cit*), mesmo durante a Idade Média alguns povos da antiguidade realizaram grandes expedições, com o intuito de expandir seus territórios, buscar especiarias e ampliar o comércio com outras localidades distantes. Nesse período, as viagens eram, ainda, realizadas para fins terapêuticos em termas, por exemplo.

Mas a dinâmica das viagens foi progressivamente se transformando a partir de um viés mercadológico, em tempos mais recentes. Em meados do século XIX⁷ na Inglaterra, com a influência de Thomas Cook, considerado por muitos, como o “pai do turismo”, foi organizada uma excursão entendida, por muitos pesquisadores, como marco para o turismo contemporâneo. Nesse movimento foram conduzidas, pela primeira vez simultaneamente, cerca de 500 pessoas de Leicester a Loughborough. Cook iniciou, dessa maneira, a prática de deslocamentos em grande escala, segundo uma nova lógica que passou a influenciar também a configuração do próprio turismo contemporâneo.

Foi a partir desse momento que o turismo passou a adquirir a escala e significado de um fenômeno socioeconômico e cultural complexo, o que contribuiu para transformar o próprio significado das viagens.

É importante argumentar que para Figueiredo e Ruschmann (2004) viagens não são sinônimos de turismo. Segundo os autores, “o entendimento das formas históricas relativas e das mudanças de mentalidade indica o contrário: o turismo é uma forma de viagem exclusiva da modernidade e pilar da pós-modernidade” (FIGUEIREDO; RUSCHMANN, 2004, p. 169). Sob essa perspectiva, “turismo” adquire uma conotação de atividade socioeconômica, ao passo que “viagem” preserva um significado experencial ou mais subjetivo.

Nesse processo e segundo essa tendência de expansão dos deslocamentos em larga escala, a partir da segunda metade do século XX, as viagens a lazer, progressivamente, se intensificaram dando origem ao que atualmente se denomina como “turismo de massa”⁸. Essa expansão das viagens

⁶ As viagens no mundo helênico já aconteciam por volta do século XVIII a.C., apesar do termo turismo ter surgido apenas no sec. XIX. As viagens, na origem, aconteciam por motivos religiosos e de saúde, para assistir e participar de jogos e, sobretudo para conhecimento e estudos (MAGALHÃES, 2002). As grandes viagens com objetivo de lazer no século XVIII foram inicialmente denominadas como *Grand Tours* (SALGUEIRO, 2002).

⁷ Um importante marco nessa breve retrospectiva foi o ano de 1841, quando Thomas Cook conduziu um grupo de 570 pessoas de Lancaster à Loughborough, na Inglaterra.

⁸ O turismo se popularizou rapidamente no pós-guerra ao se massificar, segundo Rejowski (2002, p.85), por um conjunto de vários fatores: a paz prolongada, a estabilidade política e econômica, a consolidação do poder

intermediada pelo turismo em larga escala parece ter sido incentivada pelo contexto de paz no período pós II Guerra Mundial, que definitivamente mudou a forma pela qual a sociedade passou a interpretar o ato de viajar e o próprio sentido de lazer, conforme discutido por Urry (1996). Para o autor,

(...) por ocasião da Segunda Guerra Mundial, houve uma aceitação geral [na Grã-Bretanha] da visão segundo a qual sair de férias era bom e constituía a base da renovação pessoal. As férias quase haviam se tornado marca de cidadania, um direito ao prazer. (...) Todo mundo se tornava autorizado a gozar dos prazeres do “olhar do turista” à beira mar (URRY, 1996, p.47).

No contexto pós-guerra a dinâmica do turismo avançou em todo o mundo em razão da necessidade de “reconstituição do ser humano na sociedade industrial” (KRIPPENDORF, 1989, p.18), uma vez que a carga de trabalho nas fábricas, naquele período, era entendida como física e psicologicamente degradante. Assim, nos Estados Unidos, por exemplo, empresários como Henry Ford passaram a defender a necessidade de aumento de salário e o direito às férias, para que o próprio mercado de trabalho pudesse se converter, de forma estratégica, em mercado consumidor (TRIGO, 2003).

Nesse sentido, as viagens, por meio da expansão do turismo global, passaram a ser entendidas como “produtos de consumo de massa”, como uma compensação ao trabalho e à exploração do trabalhador, tornando-se vias alienantes para a manutenção da engrenagem da classe trabalhadora no sistema capitalista. Além disso, essa dinâmica assegura o lucro a esse mesmo sistema, uma vez que “na sociedade capitalista madura, todo tempo deve ser consumido, negociado, utilizado” (THOMPSON 1998, p.298 *apud* OURIQUES, 2005, p.39). Desse modo, segundo Ouriques (2005), a força de trabalho não poderia meramente usufruir do tempo livre sem gerar consumo.

Nesse sentido, o curto conto de Calvino, *As cidades e o desejo*⁹, ilustra, de forma pedagógica, como se processaria a dinâmica do turismo como produto capitalístico:

A três dias de distância, caminhando em direção ao sul, encontra-se Anastásia, cidade banhada por canais concêntricos e sobrevoada por pipas. Eu deveria enumerar as mercadorias que aqui se compram a preços vantajosos: ágata, ônix, crisóprasos e outras variedades de calcedônia; deveria louvar a carne do faisão dourado que aqui se cozinha na lenha seca da cerejeira e se salpica com muito orégano; falar das mulheres que vi tomar banho no tanque e que as vezes convidam – diz-se – o viajante a despir-se com elas e persegui-las dentro da água. Mas com essas notícias não falaria da verdadeira essência da cidade: porque enquanto a

aquisitivo da classe média, tudo isso somado aos avanços nas leis trabalhistas (que garantiram o direito às férias). Além disso, a expansão da educação e da cultura gerou a curiosidade de se conhecer outros lugares e o desejo de descanso e busca da natureza em locais que já se urbanizavam. Além disso, o incremento de estratégias de publicidade e marketing com esse objetivo contribuiu para a ampliação da motivação global para as viagens.

⁹ Esse conto compõe uma obra que envolve o conjunto de 55 pequenos contos nos quais Marco Polo relata ao rei Kublai sobre as cidades (invisíveis) que encontrou pelo mundo em sua viagem imaginária.

descrição de Anastácia desperta uma série de desejos que deverão ser reprimidos, quem se encontra uma manhã no centro de Anastácia será circundado por desejos que se despertam simultaneamente. A cidade aparece como um todo no qual nenhum desejo é desperdiçado e do qual você faz parte e, uma vez que aqui se goza tudo o que não se goza em outros lugares, não resta nada além de residir nesse desejo e se satisfazer. Anastácia, cidade enganosa, tem um poder que as vezes se diz maligno e outras vezes benigno: se você trabalha oito horas por dia como minerador de ágatas, ónix, crisóprasos, a fadiga que dá forma aos seus desejos toma dos desejos a sua forma, e você acha que está se divertindo em Anastácia quando não passa de seu escravo (CALVINO, 1990 p.16).

Anastácia nesse relato seria uma “cidade invisível”, cujo nome poderia ser substituído por qualquer um dos contemporâneos “destinos de turismo de massa” com opções *all inclusive*¹⁰. A diferença é que nesses últimos o turista-viajante tem ao seu alcance itens de culinária, música e entretenimento do mundo inteiro, além de acesso a paisagens com estéticas paradisíacas. Em troca, ele disponibiliza, para a própria engrenagem capitalista, todo o excedente financeiro que acumula durante o ano de trabalho.

Essa “troca” desigual parece ter total sentido nessa lógica capitalista. Isso porque na sociedade capitalista, o ócio, normalizado na dinâmica social anteriormente à Revolução Industrial¹¹, passa ser interpretado como prática indesejável na engrenagem de produção e consumo (RUSSEL, 2002; LAFARGUE, 2016). Por essa lógica, as viagens mediadas pelo turismo de massa tendem a ser ressignificadas como um “ócio-útil” – um oximoro. Nessa perspectiva instrumental, ou seja, nessa interpretação dos indivíduos por meio de sua suposta utilidade ao sistema capitalista, assim como as máquinas, o ser humano necessita de “pausa para manutenção”.

As viagens, segundo esse viés analítico, seriam, portanto, úteis para a recomposição das energias para o trabalho, se configurando, ao mesmo tempo, em “ócio-lucrativo”. Isso porque, na dinâmica das viagens que compõem o fenômeno turístico contemporâneo são produzidos bens, serviços, renda e, portanto, lucro para aqueles que protagonizam o processo.

Nesse contexto, a indústria do lazer se diversifica para satisfazer novas e diferentes necessidades e públicos, independentemente de classe ou cultura (DUMAZEDIER, 1999, p.240). Nesse caso, o sentido do lazer como meio para a restauração da força de trabalho e para o fortalecimento da dinâmica econômica na sociedade capitalista está no cerne de sua apropriação pela iniciativa privada.

Boaventura de Souza Santos (2002) afirma ainda que “a colonização do prazer na modernidade ocidental ocorreu por meio da industrialização do lazer e dos tempos livres, das indústrias culturais e da ideologia e prática do consumismo” (SANTOS, 2002, p.72). É nessa

¹⁰ Tipo de pacote turístico que inclui em seu custo todas as despesas de alimentação e opções de lazer.

¹¹ E ainda fortemente presente no contexto de reprodução social de algumas populações tradicionais.

perspectiva que o turismo vem se expandindo, exponencialmente, nas últimas décadas, na dinâmica das sociedades ocidentalizadas. Essa tendência do turismo se baseia no consumo dos lugares turísticos, segundo a lógica de reprodução de alguns padrões sociais, como discutido por Morin (1997), na década de 1990:

[...] nas viagens coletivas em ônibus panorâmicos: os espectadores enfiados em suas poltronas olham através do plexiglas, membrana da mesma natureza que o vídeo da televisão, a tela do cinema, a foto do jornal e a grande janela envidraçada do apartamento moderno (MORIN, 1997, p.73).

Segundo essa perspectiva, as viagens podem representar caminhos para alimentar clausuras psíquicas ou para a adequação a padrões tóxicos de comportamento, competição ou fuga frenética dos problemas cotidianos.

3 Significar a vida na contemporaneidade: em busca de contrafluxos

No sentido de problematizar ainda mais esse debate, Harvey (1992) utiliza a expressão “compressão do espaço-tempo” para se referir à aceleração no ritmo de vida e ao excesso de estímulos originados pelas revoluções nos meios de transporte e de comunicação, o que tende a contribuir para romper fronteiras e acelerar inúmeros processos contemporâneos. Nesse contexto, para Scharmer (2010),

vemos mais pessoas em um único dia do que muitos de nossos pais e avós viam em um mês. Como resultado, temos de construir e reconstruir nossa própria identidade. Existimos em constante criação e recriação do eu, muitas vezes de modos que refletem nossa criatividade (SCHARMER, 2010, p.70).

Assim, atribuir sentido à própria existência parece ter se tornado um fardo difícil de ser sustentado. Se no passado os papéis dos indivíduos e os significados da vida eram decodificados coletivamente, na atualidade, a individualização característica do modo de vida neoliberal torna “todo indivíduo responsável por si mesmo, mesmo que lhe faltem meios econômicos e, sobretudo, simbólicos para assumir uma liberdade que não escolheu, mas lhe é outorgada pelo contexto democrático de nossas sociedades. E nessa busca ele está sozinho” (LE BRETON, 2015 p.11).

Le Breton (2015) destaca ainda um sentimento de solidão que resulta, possivelmente, do fato dessa busca de sentidos para si e para o mundo ter sido transposta do plano coletivo para o individual, como também discutido por Enriquez (2001).

Vivemos um déficit de ideais transcendentes, enquanto o século XIX nos tinha dado como ideal o progresso infinito do espírito humano em sua vontade de domínio científico do mundo. De fato, estamos divididos e angustiados. Perdemos progressivamente nossos marcos identificatórios. É o momento em que as identidades pessoais começam a deteriorar e as sociedades tentam redefinir identidades coletivas

fortes, mesmo se os ideais que elas têm a nos propor são, frequentemente, ideais vazios e desprovidos de sentido. (Com efeito, que sentido pode ter ganhar por ganhar, produzir por produzir, consumir por consumir)? (ENRIQUEZ, 2001, p.31)

Até mesmo a “liberdade de escolha” para conduzir a própria existência e atribuir a ela significado, pela perspectiva do paradigma liberal idealizado, tende a ser, na prática, entendida como um fardo para muitos, uma vez que “o desmantelamento do vínculo social isola cada indivíduo e o entrega à sua liberdade, à fruição de sua autonomia ou, ao contrário, a seu sentimento de insuficiência, a seu fracasso pessoal”. (LE BRETON, *op cit*). Assim, paradoxalmente, o sentimento de liberdade parece estar acompanhado de um sentimento de solidão timbrado na contemporaneidade.

Essa tendência se expressa como resposta a uma crescente pressão social para a obtenção de *sucesso* ou *uma vida com propósito*, entre outros imperativos sociais modernos. Assim, há uma permanente sensação de fracasso, como discutido por Lazzarato (2014). O autor cunha a expressão *sujeito endividado* para se referir ao sujeito marginalizado que é “empoderado” como *empresário de si* e herda, com isso, toda a responsabilidade por sua pobreza material e seu histórico de frustrações. Isso porque, no paradigma liberal, difunde-se o entendimento de que se um indivíduo não é bem sucedido, provavelmente é porque não se empenhou o suficiente. Assim, se sente solitário, individualizado em seu fracasso, isolado do resto do mundo e de si mesmo.

Contudo, segundo Enriquez (2001, p.34), “A essa figura do indivíduo individualizado opõe-se o seu inverso: a figura do sujeito. O sujeito é aquele que tenta sair tanto da clausura social quanto da clausura psíquica, bem como da tranquilização narcísica, para se abrir ao mundo e para tentar transformá-lo”. O sujeito, no contexto das viagens, pode ser entendido como aquele que busca a ocasião de estar alhures do cotidiano como uma oportunidade de olhar para si mesmo, de observar os outros ao seu redor e entrar em contato com o ambiente que o circunda e acolhe.

Na busca de tornar-se sujeito, desde a prescrição delfica “conhece-te a ti mesmo” (*gnôthi seautón*) e da recomendação de Sócrates “cuida de si mesmo” (*epiméleia heautoû*), o conhecimento de si torna-se uma busca não apenas da filosofia, mas do senso comum (FOUCAULT, 2018) e essa necessidade parece ter se concretizado de maneira ainda mais evidente nos últimos anos, como discutido por Santos (2002). Assim,

Depois da euforia cientista do século XVI (...) chegamos ao final do século XX possuídos pelo desejo quase desesperado de completarmos o conhecimento das coisas com o conhecimento do nosso conhecimento das coisas, isto é, com o conhecimento de nós próprios (SANTOS, 2002:68).

Nesse caso, entender o sentido da existência se tornou um imperativo, sobretudo na era da informação, na emergência da inteligência artificial e na expansão do modo de vida urbano e individualista que caracteriza a sociedade contemporânea.

Mas, no contexto de enfretamento da policrise contemporânea, muitos indivíduos tomam consciência desse processo e passam a buscar um encontro com sua própria subjetividade e se afastar do individualismo que isola o sujeito. Nesse movimento, são diversas as vias para buscar estabelecer essa conexão, como as terapias, os livros e cursos de autoajuda, círculos de apoio informal, hobbies, meditação, dentre outras. É no plano desse movimento que as viagens têm sido ressignificadas como caminhos potenciais para a busca do mundo interior, para a reconexão consigo mesmo e com os outros e para o resgate do sentido da existência.

4 As viagens como vias potenciais para ressignificação da existência

Na perspectiva de interpretação das viagens como desencadeadoras de processos complexos de autoconhecimento, Botton (2012, p.163) discute como a conexão ser humano-natureza-subjetividade pode ser por elas impulsionada. Segundo o autor, “Hildebrand Jacob, num ensaio que examina como a mente é despertada para o sublime, oferecia uma relação dos cenários que mais provavelmente suscitariam esse sentimento valioso: mares, calmos ou agitados, o pôr do sol, precipícios, cavernas e montanhas suíças” (BOTTON, 2012, p.163).

Esses momentos de afloramento de sensibilidades, sobretudo associados à experiência na natureza, parecem se constituir em fontes essenciais de inspiração na pós-modernidade, principalmente por reafirmarem a compreensão da limitação de dimensão humana diante da complexidade da Natureza, do Universo ou do Sagrado.

Esse movimento se delineia, ainda, por meio da afirmação de que cada indivíduo tem uma experiência única e pessoal do lugar e da experiência vivida¹². Assim, estar na natureza representa um exercício não apenas de observação, mas também de interpretação e vivência do que é apreendido.

Nesse sentido, Bruhns (1997 p. 136) acrescenta que a experiência do corpo na natureza permite ao ser humano um reconhecimento único de sua presença, seu ser-no-mundo, a partir daquela vivência. Principalmente porque a percepção da ambiência e as sutilezas nela envolvidas se constituem como uma via potente para a introspecção, sendo o indivíduo o polo preceptor daquela experiência estética que observa e experimenta. Esta sensibilidade reforça o sentimento de “estar vivo” que pode parecer óbvio, mas que se perde no cotidiano (LE BRETON, 2016), sobretudo na dinâmica urbana e ocidentalizada que caracteriza o *mainstream* do mundo contemporâneo.

Nesse sentido, é importante ressaltar ainda que o mundo globalizado vem se tornando cada vez mais urbano. Estima-se que 3,2 bilhões de pessoas, 53% da população mundial, vivam,

¹² No âmbito do presente artigo, percepção é interpretada como “um aspecto a ser incorporado ao conceito de paisagem que acaba se revelando diferentemente a cada observador” (EMÍDIO, 2006, p.57).

atualmente, em cidades, e essa proporção pode chegar a 68% da população mundial em 2050 (ONU, 2018). Nesse contexto, um dos caminhos mais comuns para se buscar a reconexão com a natureza tende a ser traduzido pelas viagens à natureza nos períodos de recesso do trabalho, motivadas pelo lazer. Nesse caso, parece possível afirmar, segundo Lickorish e Jenkins (2001), que elementos da natureza são frequentemente ressignificados como atrativos turísticos que, muitas vezes, inspiram e induzem as próprias escolhas de viagens no contexto contemporâneo.

Assim, a própria vivência da natureza na dinâmica das viagens seria, em tese, capaz de despertar no indivíduo urbano sentimentos incomuns no seu dia a dia e religá-lo à sua essência, da qual ele se desconecta como resultado de sua rotina cotidiana. Nesse sentido, Moscovici (2007), enfatiza a necessidade contemporânea de religação entre natureza e cultura, uma vez que a dessacralização e a objetificação da natureza com e para o capitalismo parece ter atingido o seu limite. Isso porque o ser humano deixou de se perceber como parte da natureza para se afirmar como o seu proprietário. Nesse contexto, ao invés de ser decodificada segundo a perspectiva holística de *Gaia* (LATOUR, 2020) ou pela leitura da *Terra Pátria* (MORIN, 2011), a natureza passou a ser ressignificada, na sociedade pós-industrial, como fonte de recursos, segundo uma perspectiva de mercado. Nesse sentido, para Passmore (1975):

A visão de que todas as coisas existem para servir o homem encorajou o desenvolvimento de um modo particular de ver a natureza, não como algo a ser respeitado, mas sim como algo a ser utilizado. A natureza não é, em sentido nenhum, sagrada. (...) o cristianismo ensinou aos homens que não havia sacrilégio nem em analisar, nem em modificar a natureza (PASSMORE, 1975, p.93).

Sob essa visão de mundo tudo é monetizado e as crenças espirituais de povos e populações tradicionais ou de muitas culturas orientais que vivem em sintonia direta com a natureza são interpretadas como crendices, ou traduzidas como leituras obsoletas de mundo. Mas, para Moscovici (2007), um dos maiores desafios da contemporaneidade tende a ser exatamente a reaproximação entre natureza e cultura e o resgate do sentido de reencantamento com relação à própria natureza.

Esse reencantamento com a natureza poderia emergir da própria dinâmica das viagens, de diversas maneiras. Assim, o próprio movimento da partida do lugar de origem: de estar no percurso, de se colocar em movimento, tende a representar o começo do processo de transformação, em um sentido mais amplo de pertencimento à natureza.

Nessa direção, Botton (2012, p. 60) defende que “as viagens são parteiras de pensamentos, [pois] poucos lugares são mais propícios a conversas internas do que um avião, um navio ou um trem em movimento”. Assim, o deslocamento em si mesmo já propicia a reflexão.

Botton argumenta, ainda, que os denominados *espaços de transição* na dinâmica das viagens – como rodoviárias, estações de trem, aeroportos e demais instâncias físicas que funcionam como pontos

de partida e/ou conexões, não poderiam ser considerados como *não-lugares*, no sentido cunhado por Augé (1996)¹³.

Korstanje (2006), contudo, ao revisitar alguns exemplos de Augé para ilustrar o que seriam os *não-lugares* – exemplificados pelo autor através de shoppings centers, aeroportos, hotéis de cadeias internacionais – discute que a sua descrição como espaços *não relacionais* e *não históricos* deveria ser revista. Isso porque essa concepção surgiu justamente no momento de expansão dessa tipologia de projetos da modernidade, compreendidos como ícones da globalização desde que Augé cunhou esse termo em 1992. Korstanje (*op cit*) defende, portanto, que os novos modos de vida e hábitos de consumo fizeram com que muitos desses locais passassem a se constituir como espaços relacionais na dinâmica dos sujeitos contemporâneos.

Como exemplo da ressignificação desses *espaços de transição*, Botton afirma que “a lanchonete aberta 24 horas por dia, a sala de espera da estação e o motel são santuários para aqueles que, por motivos nobres, fracassaram em encontrar um lar no mundo comum” (BOTTON, 2012, p.58).

Ainda na perspectiva da busca pelos sentidos dos lugares e da vida, alguns autores defendem também o exercício de caminhadas, tão recorrente em experiências de viagens, como uma importante via para a conexão do sujeito contemporâneo consigo mesmo. Labbucci (2007), por exemplo, discute ser o simples caminhar um ato de resistência. Isso porque o caminhar despretensioso, despido de uma função utilitária clara, afasta o sujeito do pensamento técnico produtivista no qual ele está imerso nas rotinas urbanas. Assim, livre do contexto operacional e instrumental do cotidiano, o sujeito tem possibilidades de conexão com pensamentos mais fluidos e livres da sua engrenagem cotidiana que, por vezes, é opressora.

Labbucci (2007) para construir esse argumento se baseia em vários autores que observaram esses processos de reflexão via movimento ativo do corpo, sobretudo Thoreau, Baudelaire, Benjamin e Rimbaud. Nesse mesmo sentido, Le Breton (2015) menciona a *fadiga desejada* – característica das caminhadas de longo percurso – como prática de busca por um *desaparecimento temporário de si*. O autor discute ainda o sentido de *desaparecimento de si*, na contemporaneidade, como uma das estratégias¹⁴ para evitar o fardo de significar a própria vida. Afinal, “a tarefa de individuação é árdua, sobretudo quando se trata de ser exatamente *si mesmo*” (LE BRETON, 2015, p.10)

Assim, estar em deslocamento, seja na experiência da viagem em *espaços de transição* ou simplesmente caminhando, implica no simbolismo da mudança. Mudar instiga reflexão. E se o

¹³ Para o autor, “se um lugar pode se definir como um lugar de identidade, relacional e histórico, um espaço que não pode definir-se como espaço de identidade, nem como relacional nem como histórico se definirá como *não-lugar*” (AUGÉ, 1996, p.83).

¹⁴ Possível de múltiplas formas como através do sono, drogas, errância, psicoses, entre outros caminhos.

viajante vivenciar solitário a experiência da viagem, o processo tende a ser ainda mais profundo, sobretudo se o silêncio permear a vivência. Como discutido por Guimarães Rosa (2001)¹⁵: “O senhor sabe o que o silêncio é? (...) É a gente mesmo, demais” (GUIMARÃES ROSA, 2001, p.319).

Ianni (2003) complementa essa reflexão quando afirma que à medida em que viaja,

o viajante se desenraiza, solta, liberta. Pode lançar-se pelos caminhos e pela imaginação, atravessar fronteiras e dissolver barreiras, inventar diferenças e imaginar similaridades. A sua imaginação voa longe, defronta-se com o desconhecido [...] Tanto se perde como se encontra, ao mesmo tempo em que se reafirma e modifica. No curso da viagem há sempre alguma transfiguração, de tal modo que aquele que parte nunca é o mesmo que regressa (IANNI, 2003, p. 31).

Esse movimento de transformação pode acontecer quando o viajante, ao viajar, tem a oportunidade de se conectar consigo mesmo. E, para além da possibilidade de conexão consigo mesmo e com a natureza, as viagens propiciam ainda o sentido de conexão com o outro, a imersão na alteridade. Nesse sentido, Laplatine (2000) ressalta que

a experiência da alteridade (e a elaboração dessa experiência) leva-nos a ver aquilo que nem teríamos conseguido imaginar, dada a nossa dificuldade em fixar nossa atenção no que nos é habitual, familiar, cotidiano, e que consideramos ‘evidente’. Aos poucos, notamos que o menor dos nossos comportamentos (gestos, mímicas, posturas, reações afetivas) não tem realmente nada de ‘natural’. Começamos, então, a nos surpreender com aquilo que diz respeito a nós mesmos, a nos espiar. O conhecimento (antropológico) da nossa cultura passa inevitavelmente pelo conhecimento das outras culturas; e devemos especialmente reconhecer que somos uma cultura possível entre tantas outras, mas não a única (LAPLATINE, 2000, p.21).

A observação do outro tem grande significado na construção da própria subjetividade, pois a “[...] familiaridade das coisas e das gentes, familiaridade do meio ambiente e das paisagens, dos costumes, das tradições e dos hábitos, tudo isso é permanentemente trabalhado por seu contrário: aquilo que é estranho” (MAFFESOLI, 2001, p. 102). Isso porque o ser humano tem dificuldade em racionalizar o absoluto. É a partir da conexão com o outro e com a diversidade que se obtém maior clareza sobre seu próprio posicionamento no mundo.

A viagem, nesse sentido, pode representar uma via potente para o encontro, por meio da alteridade e pode representar até mesmo um caminho para estimular a tolerância com relação às diferenças.

Essa leitura parece orientar a compreensão de algumas agências internacionais vinculadas ao turismo. Em 1999, por exemplo, a Organização Mundial do Turismo (OMT), em alinhamento com essa visão das viagens como caminhos para promover a tolerância, passou a defender o turismo como

¹⁵ Diálogo extraído do romance clássico *Grande Sertão Veredas*. Riobaldo, o jagunço protagonista, pergunta ao seu interlocutor que pacientemente escuta seu relato e aguarda que ele mesmo responda.

um direito¹⁶. Logo, lugares anteriormente não reconhecidos como potenciais para o desenvolvimento do turismo passaram a ser cada vez mais apropriados pelo mercado turístico.

Baseado em uma percepção de que conhecer o outro pode contribuir para o conhecimento de si mesmo, Scharmer (2010) ressalta ainda o crescente interesse dos ocidentais pela cultura oriental (sobretudo expressa no budismo, no confucionismo e no taoísmo) e modos de vida tradicionais, usualmente entendidos como periféricos na sociedade contemporânea. Esse interesse se transforma em um conjunto de opções de viagens dirigidas à conexão com esses lugares de diversidades, distintos do cotidiano urbano ocidental. Nesse movimento, o turismo tende, aos poucos, a se apropriar e transformar esses lugares. Como discutido por Dias (2008):

Do ponto de vista sociológico, o fenômeno turístico desperta interesse por vários motivos: causa forte impacto nos indivíduos e grupos familiares que se deslocam, provoca mudanças no comportamento das pessoas e agrega conhecimentos àqueles que o praticam, permite comparação entre diversas culturas, contribui para o fortalecimento da identidade grupal, é um meio de difusão de novas práticas sociais e aumenta as perspectivas de obtenção da paz pela compreensão e aceitação das diferenças culturais. Contribui, ainda, para a formação e a educação daqueles que o praticam (DIAS, 2008 p.11).

Apesar dos riscos de apropriação desses movimentos pelo turismo, Azevedo e Irving (2018) enfatizam o papel das viagens como uma via para a interculturalidade e como caminho para uma postura ética na alteridade. Nesse sentido, pode-se interpretar o turismo sob a perspectiva da dádiva (MAUSS, 2017). Por essa leitura, o turismo representaria uma via potencial para o encontro na vivência das viagens, em um fluxo contínuo de dar, receber e retribuir (MORAES; IRVING, 2013).

A atitude do viajante diante da realidade vivenciada é fundamental para que o encontro com o outro possa, de fato, ocorrer, pois “é preciso uma conduta aberta diante das possibilidades do encontro de alteridades que a viagem ocasiona, pois é através destas negociações com o outro que se abrem as oportunidades de inovações no projeto do eu e de reavaliações de representações arraigadas”. (FALCO, 2018, p. 144)

Assim, o próprio ato de viajar coloca a cultura em movimento (URRY, 2002), uma vez que se deslocam os sentidos e cada indivíduo conduz para um novo território a sua lente interpretativa do mundo. Também por essa razão, a dinâmica das viagens poderia ser traduzida segundo a perspectiva

¹⁶ Esse direito é contestado por muitos autores, em razão da natureza elitista do turismo. Para Wallerstein (2001), “No máximo 5% a 10% da população mundial pode empreender de fato uma viagem turística. Por menor que seja, esse fluxo aumentou de tal modo a depredação, que ameaça a própria existência dos objetos mais requisitados pelo próprio turismo. O turismo em excesso é destrutivo e já há um excesso, no momento em que 80% da população mundial não participa da atividade” (WALLERSTEIN, 2001, p. 106). Outro ponto discutido são os riscos do fenômeno denominado como *overtourism*, em um contexto de expansão do turismo. Nesse caso, fenômenos como a turismofobia vem sendo observados, por exemplo, quando moradores de lugares turísticos picham muros com frases como “turistas são terroristas, voltem pra casa”, entre outras expressões. São também recorrentes protestos contra o AirBnB e outras empresas que facilitam a expansão do turismo com a consequência de inflação dos preços e gentrificação local.

da dádiva. Segundo Mauss, “(...)no fundo, são misturas. Misturam-se as almas nas coisas; misturam-se as coisas nas almas. Misturam-se as vidas e leis como as pessoas e as coisas misturadas saem, cada uma, das suas esferas e se misturam: o que é precisamente o contrato e a troca” (MAUSS, 1988, p. 86).

A curiosidade em conhecer o outro constitui certamente a principal motivação para se buscar vivenciar uma cultura distinta da cultura original do viajante. Esse processo resulta, contudo, em um *olhar atento* para a realidade visitada (URRY, 1996), o que significa, na perspectiva deste autor, em muitos contextos, um contramovimento com relação à exotização (e, consequentemente a objetificação) da realidade vivenciada, com consequências muitas vezes perversas para a dinâmica do lugar turístico. Nesse sentido, muitas são também as questões éticas envolvidas no próprio ato de viajar, com desdobramentos evidentes na ressignificação do sujeito contemporâneo.

Nesse sentido, Kristeva (1994, p. 21), afirma que “[...] viver com o outro, com o estrangeiro, confronta-nos com a possibilidade ou não de ser um outro”. O autor complementa ainda o argumento quando discute que, nesse movimento “[...] não se trata simplesmente, no sentido humanista, de nossa aptidão em aceitar o outro, mas de estar em seu lugar – o que equivale a pensar sobre si e a fazer outro de si”.

Por todas as razões discutidas, as viagens, a partir da convivência sensível na natureza e com o outro, que se efetiva na imersão em culturas diversas, podem representar experiências potentes de autoconhecimento e de transformação. Também por essa razão, as viagens podem ser entendidas como vias fundamentais para a ressignificação do sujeito contemporâneo.

5 Considerações Finais

Como discutido neste ensaio, significar a própria vida nunca foi tão desafiador e necessário como nesses tempos incertos que caracterizam a policrise na contemporaneidade. Nesse contexto, as viagens representam uma via privilegiada para ressignificação do sujeito contemporâneo, uma vez que permitem o aprendizado pela experiência, pela via do sensível e não apenas pelos vieses cognitivo ou racional, que traduzem a dinâmica da modernidade.

Nesse movimento, as viagens podem representar vias de reconexão com a natureza, como anteriormente argumentado, na compreensão do ser humano como parte dela (natureza) e não apenas como seu usuário, sob uma perspectiva instrumental e de mercado.

As viagens podem também ser decodificadas como vias para a conexão com o outro, na perspectiva da alteridade, uma vez que a percepção individual sobre o mundo se expande pelo contato e conhecimento empírico de “outros mundos”. Nesse sentido, as viagens podem contribuir para o

desenvolvimento de habilidades socioemocionais como a empatia e atitudes comportamentais como a tolerância.

Como anteriormente argumentado, ao descobrir-se como parte da natureza e observar o próprio eu espelhado no outro, as experiências de exploração do mundo frequentemente resultam em reflexões e mudanças internas profundas. Sendo assim, a partir do reconhecimento de si mesmo, na relação com o outro e com a natureza, seria possível o empoderamento do indivíduo, em sua própria trajetória, por meio da subjetivação. Nessa perspectiva, ele poderia se sentir seguro para trilhar caminhos que não se alinhem obrigatoriamente aos padrões e normas pré-estabelecidos socialmente ou definidos por outrem.

Contudo, é também necessário reconhecer que, em contraposição aos argumentos anteriormente defendidos, o turismo, na contemporaneidade, pode expressar também uma via alienante, que reproduz padrões sociais tóxicos e beneficia a acumulação de riquezas, no contexto de um modelo econômico vigente e insustentável. Essa via de reprodução dos padrões capitalistas na dinâmica das viagens está na contramão da possibilidade da viagem como via de emancipação do sujeito. Como previamente argumentado, essas duas vertentes interpretativas coexistem, resistem, se confrontam e até se retroalimentam.

Assim, considerada a complexidade desse debate para contribuir em um caminho de superação da policrise contemporânea, seria importante que as viagens pudessem ser decodificadas como vias de subjetivação (conexão com a natureza, com o outro e consigo mesmo) e não como mercadorias para o consumo de curto prazo, segundo uma lógica neoliberal. Isso porque a lógica estrita de mercado reduz as viagens a produtos efêmeros de prateleiras de consumo que retroalimentam sistemas sociais que valorizam a imagem e o status, em detrimento da pluralidade das subjetividades envolvidas no processo. Isto é, ter e parecer, em detrimento do ser.

A viagem é interpretada como via de subjetivação – em outras palavras, liberta de seu sentido estritamente mercadológico – assim, através delas, os sujeitos contemporâneos poderiam ressignificar suas próprias trajetórias de vida. Nesse caso, as viagens representariam vias potentes para a elaboração do passado, significação do presente e projeção do futuro.

Referências

AUGÉ, Marc. **Não lugares:** uma introdução a uma antropologia da supermodernidade. São Paulo: Papirus, 1996.

AZEVEDO, Julia; IRVING, Marta. Para desmistificar a noção de turismo cultural: traços distintivos, nuances e contradições. In: IRVING, M.; AZEVEDO, J.; LIMA, M. **Turismo: ressignificando sustentabilidade**. Rio de Janeiro: Fólio Digital, 2018.

BOTTON, Alain de. **A arte de viajar**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2012.

BRUHNS, Heloisa. O corpo visitando a natureza: possibilidades de um diálogo crítico. In: SERRANO, C. M. T; BRUHNS, H.T (Orgs). **Viagens à natureza: turismo cultura e ambiente**. Campinas: Papirus, 1997.

CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CASTRO, Eliana de Moura; ARAUJO, José Newton Garcia. Análise social e subjetividade In: LÉVY, A. et al. **Psicossociologia: análise social e intervenção**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

DELEUZE, Gilles. O que é um dispositivo? In: **O mistério de Ariana**. Lisboa: Veja/Passagens, p. 83-96, 1990.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. São Paulo: Ed 34, 1992.

DIAS, Reinaldo. **Sociologia do turismo**. São Paulo: Atlas, 2008.

DUMAZEDIER, Joffre. **Sociologia empírica do lazer**. São Paulo: Perspectiva, 1999.

EMÍDIO, Teresa. **Meio ambiente e paisagem**. São Paulo. Editora SENAC: São Paulo, 2006.

ENRIQUEZ, Eugene. O papel do sujeito humano na dinâmica social. In: LÉVY, André et al. **Psicossociologia: análise social e intervenção**. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2001.

FALCO, Débora de Paula. **Trajetórias do eu mochileiro: na estrada de corpo, alma e artefatos**. Tese (Doutorado em Comunicação) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2018.

FIGUEIREDO, Silvio; RUSCHMANN, Doris. Estudo geneológico das viagens, dos viajantes e dos turistas. **Novos Cadernos NAEA**, v.7, n.1, p. 155-188, jun. 2004.

FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2018.

GUIMARÃES ROSA, João. **Grande Sertão Veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

HARARI, Yuval Noah. **Homo Deus: uma breve história do amanhã**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Ed. Loyola, 1992.

IANNI, Octávio. **Enigmas da modernidade-mundo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

KRIPPENDORF, Jost. **Sociologia do turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens**. 3a ed. São Paulo: Aleph, 1989.

- KRISTEVA, Júlia. **Estrangeiros para nós mesmos**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- LABUCCI, Adriano. **Caminhar**: uma revolução. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2007.
- LAPLATINE, François. **Aprender antropologia**. São Paulo: Brasiliense, 2000.
- LAFARGUE, Paul. **O direito a preguiça**. São Paulo: Edipro, 2016.
- LATOUR, Bruno. **Diante de Gaia**: 8 conferências sobre o antropoceno. São Paulo: Editora Ubu, 2020.
- LAZZARATO, Maurizio. **Signos, máquinas, subjetividades**. São Paulo: N-1 Edições, 2014.
- LE BRETON, David. **Desaparecer de si**: uma tentação contemporânea. Petrópolis: Editora Vozes, 2015.
- LE BRETON, David. **Antropologia dos sentidos**. Petrópolis: Editora Vozes, 2016.
- LICKORISH, Leonard J.; JENKINS, Carson L. **Introdução ao turismo**. São Paulo: Campus, 2001.
- KORSTANJE, Maximiliano. El viaje: una crítica al concepto de "no lugares". **Athenea Digital Revista de Pensamiento e Investigación Social**, p.211-238, 2006.
- MAFFESOLI, Michel. **Sobre o nomadismo**: vagabundagens pós-modernas. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- MAGALHÃES, Cláudia. **Diretrizes para o turismo sustentável em municípios**. 1. ed. São Paulo: Roca, 2002.
- MAUSS, Marcel. **Ensaio sobre a dádiva**. São Paulo: Ed. Cosac Naify, 2017.
- MORAES, Edilaine; IRVING, Marta A. Ecoturismo: encontros e desencontros na Reserva Extrativista do Cazumbá-Iracema (AC). **Revista Brasileira de Ecoturismo**, v. 6, p. 738-757, 2013.
- MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX**: volume 1 – neurose. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.
- MORIN, Edgar; KERN, Anne Brigitte. **Terra-pátria**. Porto Alegre: Ed. Sulina, 2011.
- MOSCOVICI, Serge. **Natureza**: para pensar a ecologia. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.
- ONU (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS). **Turismo internacional deve chegar a 90% dos níveis pré-pandemia em 2023**. Disponível em:
<https://news.un.org/pt/story/2023/12/1825097#:~:text=Aproximadamente%20975%20milhões%20de%20turistas,ao%20mesmo%20período%20de%202022>. Acesso em: 15 jan. 2024.
- ONU (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS). **68% of the world population projected to live in urban areas by 2050, says UM. Department of Economic and Social Affairs**. 16 maio 2018. Disponível em: <https://www.un.org/development/desa/en/news/population/2018-revision-of-world-urbanization-prospects.html>. Acesso em: 01 set. 2019.

OURIQUES, Helton R. **A produção do turismo:** fetichismo e dependência. Campinas: Ed. Alínea, 2005.

PASSMORE, J. Attitudes to Nature. In: PETER, R.S. (Ed.). **Nature and conduct. royal institute of philosophy lectures**, v.VIII, p. 1973-74. London: McMillan, 1975.

REJOWSKI, Mirian. **Turismo no percurso do tempo.** São Paulo: Ed.Aleph, 2002.

RUSSEL, Bertrand. **O elogio ao ócio.** Rio de Janeiro: Sextante, 2002.

SALGUEIRO, Vânia. Grand tour: uma contribuição à história do viajar por prazer e por amor à cultura. **Revista Brasileira História**, São Paulo, v.22, n.44, 2002.

SANTOS, Boaventura de Souza. **A crítica da razão indolente.** Contra o desperdício da experiência. Porto: Afrontamento, 2002.

SCHARMER, Otto. **Teoria U:** como liderar pela percepção e realização do futuro emergente. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.

TRIGO, Luiz Gonzaga Godói. **A sociedade pós-industrial e o profissional em turismo.** 7 ed. Campinas: Papirus, 2003.

WALLERSTEIN, Immanuel. **Capitalismo histórico e civilização capitalista.** Rio de Janeiro: Contraponto, 2001.

WTTC (WORLD TRAVEL AND TOURISM COUNCIL). **Economic impact.** Disponível em: <https://www.wttc.org/economic-impact/>. Acesso em: 17 abr. 2019.

UNWTO (WORLD TOURISM ORGANIZATION). **World Tourism Barometer and Statistical Annex**, January 2019.

UNWTO (WORLD TOURISM ORGANIZATION). **Global Code of Ethics for Tourism**, 1999.

URRY, John. **Mobility and Proximity.** Lancaster University. May, 2002.

URRY, John. **O olhar do turista:** lazer e viagens nas sociedades contemporâneas. São Paulo: Estúdio Nobel, 1996.